



Dois Dedos de **PROSA**

Nº82 - Recife/PE - Dezembro/2015

Nenhum Direito a Menos e nenhum golpe a mais

O ano termina com diversas agressões ao nosso Estado de Direito. O caso Mariana, o ataque aos territórios e povos indígenas, aos estudantes de São Paulo que resistem para não fechar escolas públicas, a tentativa de derrubar o estatuto do desarmamento, a maioria penal, o golpe da direita disfarçado de impeachment. Com certeza 2016 inicia tendo muito o que fazer. Mas, a classe trabalhadora e as organizações sociais não baixarão suas bandeiras. A ordem é: Nenhum direito a menos e nenhum golpe a mais.

Espaço
Agroecológico de
Boa Viagem
aniversaria
Página 6

Samarco: o maior
crime ambiental
do Brasil
Páginas 4 e 5

Escola Feminista -
espaço de
formação das
mulheres rurais
Página 3

Mulheres que
fazem acontecer
Página 7

Jovens avaliam
ações de 2015
Página 8

Foto: Acervo Brasil de Fato/Especial Mariana

Em 2016 a Luta Continua

Fechamos o ano com um sentimento de indignação sem igual. Porque não dizer, com vergonha dos acontecimentos que rondam o país, mais precisamente o nosso Congresso. Indignação pelo que assistimos a cada dia os políticos, com poucas e honradas exceções, fazerem e desfazerem sem vergonha nenhuma do seu eleitorado. Vergonha por saber que aquelas pessoas que estão ali, foram eleitas pelo voto do povo brasileiro. É certo que a maioria comprado. As mercadorias ofertadas foram desde cestas básicas a grandes quantias em dinheiro. E quantias suntuosa dos próprios cofres públicos, nosso dinheiro, ou ofertadas por empresários da construção civil, do agronegócio, do ramo financeiro, que agora querem ser ressarcidos.

O ressarcimento, desta vez, é de forma mais afrontosa possível. Nossos direitos estão escorregando pelos nossos dedos como se fosse água. A ministra Kátia Abreu (PMDB), defensora do agronegócio, bate o pé e não aceita lançar o Programa Nacional de Redução de Agrotóxicos (Pronara). O presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB), denunciado por diversas falcatruas, pinta e borda na Câmara, legislando em causa própria, impedindo que o Conselho de Ética dê início ao processo de cassação dele.

Mas, apesar dessas pessoas, apesar de desastres chocantes – Mariana é um deles – não vamos baixar à guarda. Não vamos desistir de lutar em 2016. Não vamos deixar de ser felizes. E golpe não passará.

Petrolina e Juazeiro pararam por um Semiárido Vivo

Ato liderado pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) interropeu a ponte que liga Petrolina a Juazeiro

Por Eduardo Amorim



Agricultores/as ocuparam a ponte Juazeiro/Petrolina

Foto: Eduardo Amorim

Mais de 20 mil pessoas caminharam e atravessaram a ponte que liga os municípios de Petrolina/PE e Juazeiro/BA no ato Semiárido Vivo: Nenhum Direito a Menos, em 19 de novembro deste ano. O ato foi para denunciar os desrespeitos com o Velho Chico e para tornar público os cortes severos sofridos pelo Programa de Convivência com o Semiárido para construção de Cisternas em 2015.

Após o ato, a ASA divulgou uma nota denunciando o corte de verbas para implementar as políticas para segurança hídrica e de produção para as famílias do Semiárido. “Executam-se metas ínfimas, se comparadas a outros anos, e mesmo o que

já se foi contratado não consegue ser implementando, pois não há recursos nos Ministérios. A proposta enviada pelo Governo ao Congresso, de cerca de 200 milhões de reais para 2016, pode estar sinalizando uma paralisação dessas ações, e com ela o desmonte dos direitos dos mais pobres, entre eles, o de Segurança Alimentar”, diz a nota.

Além da segurança hídrica, o texto destaca as reivindicações da juventude por reforma agrária, estruturação das comunidades camponesas e segurança alimentar e nutricional. Acesse o documento em: http://asabrazil.org.br/images/UserFiles/File/SEMIARIDO_VIVO.pdf ■

Apoio: **MISEREOR**
IHR HILFSWERK

FUNDAÇÃO

BNDES

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro – Recife/PE – CEP: 50050-080. Fone/Fax: (81) 3223.7026/3323 | sabia@centrosabia.org.br | www.centrosabia.org.br. **DIRETORIA:** Presidente - Lenir Ferreira Gomes. Vice presidente - Joelma Pereira. Secretária - Joana Santos. Conselho Fiscal - Alaíde Martins, Edna Maria e Tone Cristiano. **COORDENAÇÃO:** Coordenador Geral - Alexandre Henrique Bezerra Pires. Coordenadora Técnico Pedagógica - Maria Cristina Aureliano. Coordenadora Administrativo Financeira - Verônica Batista. **EQUIPE DE TRABALHO:** Ana Lúcia, Aniérica Almeida, Antônio Júnior, Carla Cristina, Carlos Alberto, Cecília Tayse, Darlilton Silva, Davi Fantuzzi, Dilene Nicolau, Edilene Barbosa, Edgar Caliente, Edineide Oliveira, Élen Tahís, Eliane Andrade, Elielson Carlos, Elivânia Leal, Gilberto Lima, Germana Vila, Gildete Pereira, Gleidson Amaral, Henrique Luiz, Hesteólivia Shyrlley, Iran Severino, Ivanildo Carneiro (estagiário), Jacinta Gomes, Jackson Helder, Janaina Ferraz, João Alberto, Josineide Oliveira, Julianna Peixoto, Júlio Cesar, Júlio Valério, Jullyana Lucena, Leonardo Moura, Lindoval Alves, Loide Maria, Magno Almeida, Miriam Lima, Marconiedson Silva, Natália Porfírio, Nicléia Nogueira, Raimundo Daldemberg, Ricardo Góis, Rigoberto Arantes, Ronaldy Dantas, Rosana Paula, Sandra Rejane, Valéria Felix, Vânia Luiza, Vilma Machado e Wellington Gouveia. **COORDENAÇÕES LOCAIS:** Agreste - Carlos Magno de Medeiros. Zona da Mata - Ana Santos da Cruz. Sertão - Rivaneide Almeida. **GERÊNCIA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA:** Demetrius Falcão e Pedro Eugênio. **NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO:** Eduardo Amorim (DRT/PE - 3041), Laudence Oliveira (DRT/PE-2654) e Sara Brito. **EDIÇÃO:** Laudence Oliveira. **O Trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações:** ActionAid, Habitat, terre des hommes schweiz, Fundo Nacional sobre Mudanças no Clima (FNMC), Fundação Banco do Brasil (FBB), ministérios do Meio Ambiente, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e do Desenvolvimento Agrário, Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária/Secretaria Executiva de Agricultura Familiar-PE (Sara/Seaf-PE). **PROJETO GRÁFICO:** Alberto Saulo/Estúdio 8. **DIAGRAMAÇÃO:** Thiago Almeida. **IMPRESSÃO:** Gráfica Flamar. **TIRAGEM:** 5.000 (cinco mil) exemplares.

Mulheres que se fortalecem juntas

Escola feminista é uma formação com mulheres rurais no Agreste de Pernambuco

Por Juliana Peixoto



Agricultoras e técnicas participantes do curso

Elas já realizaram três encontros desde setembro. Já discutiram sobre a Descolonização do Brasil e das Mulheres; a Divisão Sexual do Trabalho; e a Violência Contra a Mulher. Cada assunto gera debates e descobertas nas mulheres rurais envolvidas nas ações da Chamada de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) Agroecológica. O curso modular da Escola Feminista tem sido um espaço de estudo e fortalecimento das mulheres do campo. A realização é uma parceria do Centro Sabiá com o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR/NE), com o apoio da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo), do Governo Federal.

O próximo módulo do curso está previsto para janeiro cuja temática é Auto-organização das Mulheres e o

feminismo. Para muitas mulheres, participar desses cursos não tem sido uma tarefa fácil, pois não recebem o apoio ou incentivo de seus companheiros. Mesmo assim, elas têm se mostrado guerreiras, de luta, animadas, participativas, com confiança na formação que está sendo desenvolvida. Os avanços já estão sendo vistos.

Dona Etelvina de Souza, da comunidade de Brejinho, São Caitano, Agreste de Pernambuco, é um dos exemplos de mudança. “Quando eu comecei essa escola meu marido não queria deixar eu vir, foi obrigado Juliana (técnica do Sabiá) ligar e falar com ele para ele deixou. Quando foi para me vir no segundo módulo, ele não queria que eu viesse. Juliana ligou novamente. Mas nesse terceiro módulo eu disse a ele vou sim, porque é importante para mim. Depois dessa escola eu estou conversando com ele, mostrando que ele

pode colocar o seu comer e o seu prato na pia, que isso não é humilhar ele”, explica Dona Etelvina.

A formação tem proporcionado às mulheres um novo olhar e uma nova atitude em relação à vida com seus maridos e companheiros.

Pautas delicadas

Assuntos de difícil abordagem como o aborto, as violências sexual e moral, o feminicídio (crime praticado contra as mulheres por questão de gênero), entraram em pauta. O aborto, ou o direito de escolha em seguir ou não com a gravidez, gerou bastante debate e ampliou sua discussão além das questões religiosas. “Os homens não aceitam ter relações com suas namoradas com camisinha, é nesses momentos sem camisinha que acontece a gravidez indesejada”, explica Cristiane, diante dos casos contados pelas agricultoras de gravidez indesejadas e que traz transtornos para as mulheres.

O final do curso acontece em março, quando haverá um seminário de avaliação e encerramento. ■



Curso discute questões de mulheres

Nosso Estado de Direito precisa ser respeitado

Empresas que produzem agrotóxicos e lixos tóxicos atuam em diversos países, como no Brasil, causando danos e mortes

Por Eduardo Amorim e Laudenicé Oliveira



Barragem acabou com o distrito de Bento Rodrigues

Foto: Acervo Brasil de Fato/Especial Mariana

“

No ano de 2008, Miguel López Rocha, que estava brincando nos arredores da cidade mexicana de Guadalajara, escorregou e caiu no rio Santiago. Miguel tinha oito anos de idade. Não morreu afogado. Morreu envenenado. O rio contém arsênico, ácido sulfúrico, mercúrio, cromo, chumbo e furano, jogados em suas águas pela Aventis, Bayer, Nestlé, IBM, Dupont, Xerox, United Plastics, Celanese e outras empresas, que em seis países estão proibidas de fazer esse tipo de doação.

”

Eduardo Galeano

Do livro *os Filhos dos Dias*.
Pág. 61 - Fevereiro 13 - O perigo de brincar.

São sete anos que separam o caso do menino mexicano Pedro López, para o caso Mariana, no Brasil, em Minas Gerais. As empresas parecem diferentes, mas o método perverso de atuar nos países é o mesmo. São proibidas nos seus países de origem de poluir seus rios, suas matas, sua produção agrícola. Mas em outros como no Brasil, não tem a responsabilidade e a preocupação com a segurança, com os danos provocados pelas suas indústrias. O rio Santiago, o rio Doce, e quantos rios mais estão envenenados? Além de Pedro e as 17 pessoas mortas pelo desastre de Mariana, quantas outras já morreram e

ainda morrerão? E quantas desculpas ainda arrumarão governos e empresários para justificar crimes como esses? Fica uma indignação sem tamanho, por saber que essas perversidades só acontecem, porque a impunidade é maior que o direito de viver bem das pessoas.

Mariana é um município de Minas Gerais onde a barragem da mineradora Samarco, cujas donas são a Vale do Rio Doce e a BHP Biliton, rompeu-se no dia 5 de novembro deste ano, destruindo o distrito de Bento Rodrigues, atingindo também Águas Claras, Ponte do Gama, Paracatu e Pedras,

além das cidades de Barra Longa e Rio Doce. Os rejeitos também chegaram a dezenas de cidades na Região Leste de Minas e do Espírito Santo, além de terem chegado ao Oceano Atlântico.

Estudos realizados pela Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (Embrapa) constatou que o solo atingido pela lama de Mariana tem a fertilidade comprometida. A lama impossibilita a germinação de sementes e o desenvolvimento de plantas, o que compromete a agricultura nos municípios afetados. Este é só um dos aspectos desse

desastre. Difícil é a situação da população atingida que precisa pressionar a empresa para que resolva o mal que causou e ainda causa.

Visita dos representantes da ONU

No início deste mês, representantes da Organização das Nações Unidas (ONU) visitaram Mariana e ficaram surpresos com os relatos dos atingidos pela tragédia. Comprometeram-se em recomendar ao Estado brasileiro que tome medidas efetivas para ajudar as famílias afetadas. A mineradora ainda não assinou termo de compromisso proposto pelo Ministério Público de Mariana. Muitas famílias ainda estão em hotéis e casas de parentes. O MP deu entrada em ação para assegurar direitos emergenciais e definitivos, como verba de auxílio mensal e o reassentamento dos atingidos.

De acordo com representantes do Movimento dos atingidos por Barragens (MAB), essa tragédia vem mostrar a urgência do Brasil criar uma legislação que garanta os direitos dessas populações. "O MAB defende que seja aprovada uma Política Nacional de Direitos para as populações atingidas por barragens", declara Flávio Márcio do MAB.



Solo e rios ficaram contaminados

Foto: Saulo Martins/Sinpro-MG

Com informações do MAB:
www.mabnacional.org.br

Várias pautas em xeque



Foto: Vládia Lima

Territórios indígenas ameaçados

O ano de 2015 foi momento de revermos muito do que já parecia superado no Brasil. Sob o comando do deputado Eduardo Cunha, a Câmara dos Deputados iniciou uma campanha retrógrada. Direitos conquistados pelas mulheres, negros, jovens, pelo movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) e até mesmo o Estado Democrático voltaram a parecer vulneráveis, pois ainda há quem vá à rua pedir a volta da ditadura militar.

São muitas as pautas colocadas em xeque: a maioria penal que fere, inclusive, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que é resultado da luta dos movimentos que atuam com crianças em situação de risco; o Estatuto do Desarmamento, que foi fruto de diversas discussões e ações para o combate a violência e as mortes fúteis em nosso país. A luta dos Povos indígenas, quilombolas que estão vendo seus territórios colocados em risco com a volta da Proposta de Emenda Constitucional de nº 215 (PEC 215), que pretende colocar nas mãos do Legislativo a aprovação de demarcações de terras indígenas, quilombolas e áreas de preservação ambiental. Imagina deixar na mão de um Eduardo Cunha da vida e seus amiguinhos a decisão do que é terra indígena e o tamanho da terra a que eles têm direito? Parece piada de mal gosto.

Pesa ainda, os cortes de orçamentos para desenvolver ações como as do Programa Cisternas para a convivência com o Semiárido. A tentativa de desarticular ministérios como o de Desenvolvimento Agrário, que vem atendendo o setor da agricultura familiar. E as manobras para não se fazer o lançamento do Programa Nacional de Redução de Agrotóxicos (Pronara). Todas essas pautas voltarão em 2016 e a luta para derrubá-las será a mobilização e articulação dos movimentos sociais com o apoio da sociedade. ■



Foto: Sara Brito

População de boa Viagem tem produtos agroecológicos

Saúde e afeto no Espaço Agroecológico de Boa Viagem

Feira agroecológica completou 14 anos em dezembro e é celebrada por produtores/as e consumidores/as

Por Sara Brito

Em pesquisa de preços feita este ano por alunas do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) em parceria com o Centro Sabiá foi concluído que os Espaços Agroecológicos são em média 35% mais baratos que os grandes supermercados. Além de oferecerem preços mais justos, os Espaços são um local de encontros e trocas entre produtores/as e consumidores/as. O Espaço Agroecológico de Boa Viagem, no Recife, está há 14 anos nesse caminho dos intercâmbios e da mudança de vida.

João de Souza, mais conhecido com João Biró, é coordenador do Espaço Agroecológico de Boa Viagem e participa do Espaço desde a fundação, em 8 de dezembro de 2001. "Começamos com uma

pequena quantidade de barracas, mas muitos agricultores. Aí com a demanda, houve a necessidade de cada agricultor providenciar sua barraca, porque a produção foi aumentando e o espaço de uma barraca só era pequeno para mais de um agricultor," conta ele.

A importância das feiras agroecológicas descentralizadas aumenta, na medida em que o consumo de agrotóxicos no Brasil cresce a cada ano. Os produtos agroecológicos são mais duráveis por serem reais, naturais, comida de verdade. "A importância de produzir agroecologicamente eu vejo na saúde, no meio ambiente; e com as feiras estamos levando ao consumidor a questão da saúde

deles também," diz Hortência Souza, filha do agricultor João Biró, que ajuda seu pai na feira há 13 anos.

Na feira tem identidade e amizade

Além de todos os benefícios para a saúde trazidos pelas feiras agroecológicas, o afeto e a relação de amizade entre produtores/as e clientes é outro ponto importante apontado pelas duas partes. Frequentador do Espaço de Boa Viagem há 5 anos, Múcio Azevêdo, destaca essa relação de amizade com João e sua família e inclusive já foi visitar sua produção, em Bom Jardim.

"Se você for lá na feira você vai ver a amizade que se tem nas conversas, é uma maravilha, você já conhece todo mundo, no supermercado não tem isso. Você tem identidade na feira, quem tá lhe vendendo tem identidade, conhece sua família. Quantas vezes eu já fui na casa de João comer capão dia de domingo? A filha dele se formou, eu fui pra formatura. É uma relação de amizade, uma relação extremamente saudável, que reflete na nossa saúde," explica Múcio. E completa, "Eles têm o compromisso de produzir um produto de qualidade, de sabor, de saúde. O cheiro, o sabor, é completamente diferente dos produtos do supermercado, por exemplo", assegura.



Foto: Sara Brito

Têm flores, hortaliças, frutas, etc.

Mulheres da Mata gerando renda e buscando igualdade

Projeto trabalha na perspectiva de promover o acesso a direitos e a melhores condições de vida para mulheres do campo

Por Eliane Andrade



Foto: Acervo Centro Sabiá

Mulheres trocam saberes e experiências

Ações que geram mudanças

As ações geradas pelo projeto são fundamentais para o começo de uma mudança na vida das agricultoras. “Foi a coisa mais linda que eu já vivi. Nunca mais vou me esquecer”, diz a agricultora Jacira Maria dos Santos, da comunidade de Saué Grande, município de Tamandaré, após participar de uma das atividades. “Saí daqui com um monte de ideias para fazer na minha propriedade”, destaca a agricultora Sandra Gomes dos Reis, do assentamento Amaraji, Rio Formoso.

Uma das preocupações é trabalhar as questões de gênero. Isso, porque a forma como homens e mulheres dividem as tarefas e as responsabilidades, precisa estar no cotidiano da família. Incluindo os homens, os jovens e as crianças. “Passei toda minha vida vendo a forma de meu pai tratar minha mãe, ainda hoje ele é grosseiro com ela e eu não concordo. Hoje eu educo meus filhos para serem diferentes”, diz Rosilene Maria da Silva, agricultora do assentamento Estrela do Norte, Joaquim Nabuco, concordando com a abordagem.

Crianças – o trabalho realizado com as mulheres acontece paralelamente as atividades lúdicas e oficinas destinadas às crianças das comunidades. São crianças que participam dos vínculos solidários, apoiado pela ActionAid. Jogos educativos e populares possíveis de ser trabalhados na sala de aula e em casa fazem parte das ferramentas utilizadas. Uma forma de integração e solidariedade entre mães e crianças. Aspectos importantes quando se trabalha com a agroecologia. ■



Foto: Acervo Centro Sabiá

Atividades lúdicas fazem parte das atividades com as crianças

Promover o acesso a direitos para as mulheres do campo e melhoria das condições de vida para suas famílias. Este é o objetivo do projeto Mulheres da Mata. A ação é desenvolvida pelo Centro Sabiá no território da Mata Sul de Pernambuco, com o apoio da cooperação ActionAid, trabalhando-se com a dinâmica dos vínculos solidários.

Mulheres, jovens e crianças de 21 comunidades localizadas em oito municípios da Zona da Mata estão envolvidas no projeto. Cerca de 500 famílias em situação de vulnerabilidade,

participam ativamente das ações do projeto.

As atividades têm o propósito de destacar o papel da mulher do campo, mostrando o seu trabalho, seus sonhos e desafios. Algumas das ações levam a geração de novas fontes de renda para elas e sua família. Diversificação da produção agrícola, comercialização de produtos nas feiras locais, beneficiamento da produção para consumo próprio ou para comercializar fazem parte das atividades trabalhadas.



“

Agroecologia não é só plantar e fazer a poda corretamente. É todo um modo de vida. Tanto é que em algumas comunidades existe uma barreira, pois é difícil um projeto agroecológico entrar, porque os maridos não aceitam.

”

Rafaela Borges,
comunidade de Matalotagem,
Triunfo – Sertão de Pernambuco.
Ela participou da abertura e da Conferência da Juventude que antecedeu à COP21, em Paris

Jovens do Agreste de Pernambuco fazem encontro de avaliação

Atividade serviu de formação e para avaliar as ações de 2015

Por Renata Soares*

No início de dezembro, jovens do Agreste de Pernambuco realizaram seu Planejamento, Monitoramento e Avaliação (PMA). O objetivo foi de fortalecer as juventudes rurais nos seus processos de formação para o desenvolvimento agroecológico, além de avaliar as ações realizadas pelos/as jovens em seus municípios no decorrer de 2015. O encontro contou com a participação de jovens dos municípios de Cumaru, Vertente do Lério, Jataúba e Santa Maria de Cambucá. Desenvolvimento agroecológico, formação, e auto-organização e incidência política foram os eixos trabalhados durante a atividade.

A juventude presente no PMA fez levantamento das diversas ações desenvolvidas no território como a revitalização de nascentes em Riacho de Pedra, organizada pela associação cultural dos jovens rurais da comunidade de mesmo nome. Realização de sessões do cinema rural e Agroecológico na comunidade Serra do Umari, em Cumaru, e no sítio Sobrado,

em Jataúba que contou com um público de 140 agricultores e agricultoras.

I Conferência da Juventude – foi organizada pela sociedade civil com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cumaru e uma comissão de jovens. Cerca de 30 jovens participaram dessa conferência, que não contou com o apoio do poder público local. Houve palestra e a atividade foi importante para conscientização da juventude local.

A juventude também discutiu o uso das redes sociais como Facebook e WhatsApp para falar sobre suas práticas agroecológicas e mobilizar a Comissão Territorial de Jovens Multiplicadores da Agroecologia (CTJMA). Avaliou-se o encontro como muito positivo pois foi possível visualizar o conjunto de ações que as juventudes vêm realizando em seus territórios e que contribuem para o desenvolvimento agroecológico, a preservação ambiental e a vida das famílias agricultoras. ■



Conferência foi organizada pela juventude do Agreste

*Renata Soares é uma jovem multiplicadora de Agroecologia da comunidade Vila Serra do Umari – Cumaru – Agreste de Pernambuco.